

ENTREVISTA DE DOMINGO Benedito Carlos Filho

Histórias do ex-festeiro do Divino

CARLA OLIVO

Mogliano da Rua Coronel Cardoso Siqueira, Benedito Carlos Filho, conhecido pelo apelido de **Totico**, é devoto do Divino Espírito Santo. O envolvimento com a festa começou em 1998, como voluntário na barraca do churrasco, mas já foi coordenador da quermesse, cozinheiro do afogado e festeiro em 2001, ao lado da mulher, Sonia Castrezana Pinto Carlos. De família humilde, filho de Benedito Carlos e Maria Carlos, ele começou a trabalhar

desde cedo. cursou o primário no Grupo Escolar Coronel Almeida e aos 13 anos já atuava em um escritório de despachante, na Rua Dr. Paulo Frontin. Fez o Senai pela Mineração Geral do Brasil, na profissão de marceneiro e, após 18 meses, passou a trabalhar na empresa, já denominada Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes (Cosim), subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (Cosim). Após o Curso de Admissão, ingressou no ginásio na Escola Aprígio de Oliveira, seguido pelo colegial

na Escola Industrial Presidente Vargas, com o curso profissionalizante de Desenho Técnico Mecânico. Também formou-se técnico em Administração no Ateneu Mogiano e frequentou três semestres da Faculdade de Administração de Empresas da Universidade Braz Cubas (UBC), mas não a concluiu. Na entrevista a **O Diário**, Benedito - que também foi comerciante na Cidade e comandou a Churrascaria Chapecoense e atuou no restaurante do antigo Feital Velho - compartilha suas histórias com os leitores:

Por que o apelido Totico?

Meu pai (Benedito Carlos) nasceu em Descalvado, onde havia um cantor de moda de viola chamado Totico. Quando trabalhou na Mineração Geral do Brasil, e falou qual era sua terra natal, ganhou o apelido de Totico e passaram a me chamar de Totiquinho. Com a morte dele, fiquei sendo o Totico e há gente que só me conhece por este apelido.

Em qual região da Cidade o senhor nasceu?

Nasci na Rua Coronel Cardoso Siqueira, pelas mãos da parteira Dona Euzébia, que quando comecei a falar chamava, carinhosamente, de dona Cegonha. A amizade perdurou com a família até sua morte. Morava com meus pais (Benedito Carlos e Maria Carlos) e minha irmã (Lourdes). Ele trabalhou na fábrica de rendas, entre as ruas Barão de Jaceguai e Dr. Ricardo Vilela. Já minha mãe começou na fábrica de coroa e depois na de porcelanas do Pavan. Após o fechamento da fábrica de rendas, transferida para Campinas, meu pai foi ajustador mecânico na Mineração e minha mãe passou a ser do lar. Minha irmã casou-se e foi morar na Rua Jacob Nali, onde ainda está. Fiquei com meus pais até o casamento, quando passei a morar na casa ao lado. Ele morreu em 1990 e minha mãe em 2012. Hoje, a casa pertence a meu sobrinho e permanece idêntica. Morei lá até 2002, quando nos mudamos para a Vila Oliveira. A casa virou o consultório dentário da minha filha, que lá ficou até 2011. Após essa data, foi vendida.

Quais as recordações de sua infância?

A rua era de terra e quando chovia os carros atolavam. Os vizinhos ajudavam os motoristas a saírem do lamaçal e várias vezes desatolamos os carros Ford 1900, e Colina, da autoescola do meu Camilo Cabral, a primeira de Mogi. Esse local, que ficava perto do atual Café Lourenço, era chamado Baía do Macuco, onde viviam várias prostitutas. Aos domingos, os policiais faziam vitórias lá, prendendo os frequentadores, que eram levados para a cadeia, todos a pé, sem os cintos da calça para dificultar eventual fuga. Era uma farrá para nós, crianças, assistir àquele 'espetáculo'.

Há mais histórias dessa época?

É a pé ao sítio do seu Benedito de Almeida, onde hoje está o Real Parque. Lá havia plantações feitas por ele e áreas arrendadas por japoneses também para agricultura. Passava o dia mexendo nas hortas, colhendo frutas, pinhão, mandioca e, no final da tarde, vínhamos embora. Em casa não tinha televisão, por isso nos assistia, quase que todos os dias, na casa do seu Eufrauzino, junto com seus familiares, todos amigos, na época da novela "Redenção", que parecia interminável. Nessa época, por volta de 1960, conheci minha esposa, ainda muito menina, que ia com a família do seu tio Pedro de Souza Pinto, do DER (Departamento de Estradas de Rodagem), à casa da minha vizinha dona Rosa, viúva do sapateiro José Franco de Camargo, que mora até hoje em Ita. Eu a via brincando com suas primas na carroceria do caminhão do tio Pedro. Só mais tarde fomos nos conhecer.

Onde o senhor estudou?

Fiz o primário no Coronel Almeida. Aos 13 anos, fui trabalhar no escritório de despachante do senhor Décio Benedito Ferreira de Souza (Décio Quati), na Rua Dr. Paulo Frontin, onde fiquei até 1965, época em que a situa-



LEMBRANÇAS Aos 65 anos, Benedito Carlos Filho conta histórias vividas na Cidade

ção financeira era bem difícil. Andava muito, com sapato furado e forrado com papelão para o pé não raspar no chão. Certo dia, fui tomar chocolate quente na padaria que ficava em frente ao escritório. Quando levei o copo à boca, o fundo dele quebrou por causa do calor do chocolate, caindo no meu colo. Tive que pedir ao Décio o período da tarde livre para poder lavar a calça e secar para o dia seguinte, já que era a única. Quando ganhava uma gorjeta, passava na padaria Estrela e comprava um pudim de padaria, que é o meu doce predileto. Lembro-me, dessa época, que quando alguém do outro município comprava um veículo em uma agência desta cidade, tinha que tirar uma licença especial na Delegacia de Trânsito para que o mesmo fosse liberado e pudesse ir rodando até seu destino. Por várias vezes, levei essas licenças ao senhor Hélio, dono da Cotac, na Loja Urbano e Lizardo Monteiro.

E depois do primário?

Fiz o Senai pela Mineração Geral do Brasil, na profissão de marceneiro, onde os instrutores eram os professores Eugenio e Duilio. O diretor era o professor Mário Portes e o vice o professor Reinaldo. Após 18 meses, fui trabalhar nesta siderúrgica, que passou a se chamar Cosim (Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes), subsidiária da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Nessa época, o seu Waldemar Costa Filho (ex-prefeito) já tinha saído de lá. Minha lembrança é de ter trabalhado, entre vários funcionários, com o João Macari, Antonio de Souza Pinto, meu saudoso sogro, Maurício Najjar, Nelson Sacramento, Armando Gomes, Rudnei da Silva e Souza, Mário Calderaro, Nicolau Lopes de Almeida, Altamiro de Oliveira Neto, Celso Zoharan, Indio Homero Bravo, Antonio Teixeira Muniz, Antonio Francisco (Lúcia) e outros que se fosse enumerar a lista seria interminável. Fiquei na Cosim até 1987.

O senhor deu continuidade aos estudos? Fiz o Curso de Admissão e o ginásio na Escola Aprígio de Oliveira. Já o colegial foi na Escola Industrial Presidente Vargas, com o curso profissionalizante de Desenho Técnico Mecânico. Em

maneci no ano seguinte. Em 2000, fui coordenador da quermesse, realizada ao lado do Ginásio Municipal de Esportes Hugo Ramos, e no mesmo ano recebi o convite para ser o festeiro de 2001. Após muita resistência e consulta junto à família, aceitei e um dos motivos foi de que a história da festa começou muito antes para os familiares da minha esposa. Sua bisavó, vinda da Espanha, a senhora Gregória Sesma, que tinha barraca no Mercado Municipal, onde vendia legumes nos anos 1930 e 1933, ao chegar a Mogi logo se engajou na festa. A imagem do Divino de sua bandeira, ainda em poder da família, era a segunda mais antiga da Cidade, conforme anotações do saudoso Heitor Cardoso. Dona Gregória tinha o sonho de ser festeira do Divino e, por providência divina, e indicação da professora Amália Manna de Deus, eu e minha esposa realizamos isso em 2001, tendo como capilães de mastro Carlos Henrique Manna de Deus e sua mulher, Patrícia. Os tios-avós de minha esposa também eram participantes da cavallhada do Divino e o cortejo da noite fazia parada na casa de sua avó, dona Amélia Gorrera Sesma, filha da Gregória. Enfim, a participação e a devoção ao Divino da família remontam há quase um século.

Como foi a experiência à frente da festa?

Houve vários pontos positivos, como novas amizades, muitas visitas e a felicidade de contar com os fotógrafos Lailson Santos e Robson Regato, que fotografaram o evento desde seu início até o término, o que resultou em mais de 8 mil fotos e, no ano de 2010, na edição dos livros 'A Fé e O Trabalho'. Ainda tive o privilégio de ter a imagem do Divino esculpida em madeira, à mão, pelo artista Valdesoires, já falecido, na bandeira que posso até hoje, e o logotipo da festa criado pela saudosa artista Wilma Ramos, com o slogan Paz no 3º Milênio. Houve ainda o aumento do número de rezadeiras e de entidades participantes na quermesse. A experiência contribuiu com meu crescimento espiritual, graças à energia, amor e devoção transmitida pelos devotos. No meu humilde entendimento, o êxito da festa se deu nas partes religiosa e espiritual. Reconheço e agradeço aos familiares, amigos e membros da Associação Pró-Divino, que arregaçaram as mangas na festa de 2001, mas deixo de nomeá-los, pois a lista é imensa e seria imperdoável esquecer alguém. Porém, destaco o trabalho do Sérgio Vieco e da Vera Borges da Mata e suas equipes, além da visibilidade que a TV Diário deu à festa de 2000 para cá.

Como o senhor conheceu sua mulher?

Embora a tenha conhecido quando ainda criança, nos distanciamos por alguns anos. Por volta de 1968, o tio dela, Raul Castrezana Gorrera, foi morar ao lado da casa dos meus pais, onde comecei minha amizade com essa família, que acabou se tornando a minha também. Comecei a namorar a Sonia em 1970 e nos casamos quatro anos depois. Temos duas filhas, hoje casadas.

Após a saída da Cosim, onde o senhor trabalhou?

Montei uma empacotadora de carvão vegetal, para churrasco, e distribuí em várias cidades da Região. Fiquei dois anos e depois comprei, em sociedade, a Churrascaria Chapecoense, na Rua Senador Dantas, que era ponto de referência. Tínhamos frequentadores como o Túlio Lunardi e os médicos Gennari (Carlos Eduardo Amaral Gennari), Glauco (De Lorenzi), entre outros. O prédio ainda existe. Nesse mesmo período, compramos uma açugue e uma avícola no Rodéio. Fiquei mais dois anos, sai da sociedade e fui com meu sobrinho para o Restaurante do Feital Velho, onde também permaneci por dois anos. Trabalhei ainda na antiga fábrica de móveis da Vila Moraes e na Julio Simões.

Quando teve início seu envolvimento com a Festa do Divino?

Comecei a me envolver com a Festa levado por um amigo, o senhor Clóvis Chaguri, em 1998, como voluntário na barraca do churrasco, onde per-

PERFIL

NOME: BENEDITO CARLOS FILHOS, O TOTICO
IDADE: 65 ANOS
NASCIMENTO: MOGI DAS CRUZES
ESTADO CIVIL: CASADO HÁ 41 ANOS COM SONIA CASTREZANA PINTO CARLOS
FILHAS: ERIKA IDENTISTA E CASADA COM O ORTODONTISTA PAULO HENRIQUE E KARINA (PSICÓLOGA E CASADA COM O EMPRESÁRIO FELIPE PEREIRA SIMÕES)
NETOS: RAFAELLA (9 ANOS), JOÃO HENRIQUE (3 ANOS) E BENTO (NASCERÁ EM JUNHO)
FORMAÇÃO: CORRETOR E AVALIADOR IMOBILIÁRIO
TRABALHO: EX-COMERCIANTE E CORRETOR DE IMÓVEIS

Em 2002, fui chamado pelo Airton Nogueira, presidente do Sincosécido (Sindicato do Comércio Varejista de Mogi e Região), que havia recebido uma solicitação do então prefeito Junji Abe para montar uma chapa a fim de concorrer à provedoria da Santa Casa. Foi chapa ínica, então, a partir de 2003, eu e a equipe da provedoria, liderada pelo Airton, iniciamos o trabalho de recuperação da Santa Casa. Fiquei na provedoria por 2 mandatos e, após estes 4 anos, continuei com o provedor João Anatalino. Ainda hoje pertencio à provedoria como voluntário. As lembranças desta época foram muitas e permanecem até hoje. Tive oportunidade de ajudar muitos que daquele hospital estavam necessitando e fiz várias estativas.

Ficaram saudades da Mogi de antigamente?

Vivo o presente sem apego ao passado, tentando desvendar como será o futuro. Porém, lembro-me dos nossos cinemas Parque, Avenida, Urupema e Vera Cruz; da biquinha de água, no Shanghai, onde hoje está o Tiro de Guerra, e ao lado ficava o senhor Moca, que era vizinho da Inhá Zefa, ícone da Festa do Divino, onde fomos buscar leite; das ruínas da Chácara da Yayá (Sebastiana Mello Freire); dos campos do Vila Santista, na Rua Francisco Franco, e do União, na Rua Casagres; das fábricas de balas Seki, na Volta Fria, e Joinha, que ressaltava em renda extra para mutagente; da farmácia do senhor Orlando de Moraes, que ainda existe, em frente ao Hospital Mogi D'Or, e onde iam quando ficávamos doentes; do calcamento das ruas com paralelepípedo, feito pelo senhor Pedro Fernandes; das enchenches que a Cidade sofreu; da oficina mecânica do meu tio Miguel Caro, que consertava carros antigos; do footing na Dr. Deodato Wertheimer e no jardim (Praça Oswald Cruz); e dos balles do Clube Náutico e do Itapeti Clube.

Hoje quais são suas atividades?

Desde 2006, sou aluno da Escola de Filosofia Pró-Vida, na Vila Suíça. Fico hidroginástico duas vezes por semana no Clube de Campo e, há três anos, trabalho como corretor de imóveis, na Imobiliária Hashimoto, além de ser motorista dos meus netos. Sou sapateiro e na época em que a Sonia foi Diretora da Justiça do Trabalho, se jogava futebol de salão na equipe de lá. No passado, também fiz parte do time de futebol de campo chamado Milionários, do Zé Milionário, do Carnaval, cujo têntico tinha o apelido de Homem de Lata. Jogava aos sábados no campo onde hoje está a loja de materiais de construção Itaipu. Hoje, só tenho a agradecer a Deus pela família e amigos que tenho e por todas as oportunidades que Ele me proporcionou.